

BODÓ COM FARINHA

SABORES E SABERES

VERSÃO 03 - REVISADO EM ABRIL-MAIO 2025

DOSSIÊ DE EXECUÇÃO

Documentário longa-metragem

Direção: Juvenal Praia

Co-Direção: Cris Dorneles

Em Iranduba, entre rios, cozinhas, feiras e memórias comunitárias, “Bodó com Farinha - Sabores e Saberes” acompanha a trajetória simbólica do bodó – peixe amazônico marcado pela resistência – para homenagear os ribeirinhos amazônicos e revelar como seus modos de vida, sua alimentação, seus saberes e suas tradições preservam identidades, conectam gerações e afirmam o pertencimento cultural de um povo das águas.

INTRODUÇÃO

Por Wilson Castro: Produção Executiva

O documentário “Bodó com Farinha – Sabores e Saberes” propõe uma imersão sensível e profunda na cultura gastronômica das comunidades ribeirinhas do município de Irاندوبا, localizado na Região Metropolitana de Manaus, no Amazonas.

Sob a direção de Juvenal Praia e Cris Dorneles, a obra não se limita a retratar o bodó como um peixe de forte presença no território amazônico, mas busca revelar as camadas culturais, históricas, afetivas, sociais e simbólicas que se entrelaçam em torno desse elemento essencial da vida ribeirinha.

A proposta narrativa do documentário utiliza a culinária como lente de investigação poética e cultural, capaz de revelar tradições, memórias, histórias familiares, práticas comunitárias e modos de vida construídos em íntima relação com os rios, a floresta e os ciclos da natureza. O bodó, além de sua relevância econômica, alimentar e nutricional, emerge como símbolo de resistência cultural, integrando a gastronomia, as tradições orais, os saberes transmitidos entre gerações e a identidade de comunidades que preservam sua relação com o território apesar das pressões da modernidade.

O filme se estrutura, portanto, como uma homenagem aos ribeirinhos amazônicos, reconhecendo neles não apenas personagens de uma narrativa documental, mas guardiões de saberes, práticas e formas de existência profundamente vinculadas às águas. Suas casas, suas canoas, suas cozinhas, seus gestos cotidianos e suas memórias constituem a matéria sensível da obra.

Este caderno técnico tem como objetivo fornecer à equipe de arte, fotografia, direção, produção e demais departamentos uma orientação clara sobre as expectativas estéticas, temáticas e narrativas que nortearão o desenvolvimento do filme. A realização do projeto exige uma interpretação cuidadosa, respeitosa e fiel das tradições culturais amazônicas, buscando não apenas capturar a beleza visual da região, mas também a densidade emocional, histórica e simbólica que ela carrega.

A abordagem cinematográfica será contemplativa, sensorial e imersiva, inspirada por documentários como “O Sal da Terra”, “Jiro Dreams of Sushi” e “Baraka”, reconhecido por sua força visual, seu ritmo meditativo e sua capacidade de construir sentido por meio da imagem, do tempo, do silêncio e da observação da relação entre humanidade, natureza, espiritualidade e cultura.

A referência a “Baraka” contribui especialmente para a concepção de um filme que valoriza a potência da imagem como experiência sensorial. Em “Bodó com Farinha – Sabores e Saberes”, essa influência se traduz na atenção aos gestos, às paisagens, às texturas, à água, ao fogo, à fumaça, ao preparo do alimento, ao movimento dos barcos, ao silêncio das margens e à permanência dos corpos em seus territórios. Cada plano deve buscar não apenas informar, mas fazer sentir.

A narrativa visual deverá refletir a cadência própria da vida ribeirinha, valorizando a lentidão, a escuta, a espera, o trabalho manual, o ritmo das águas e a passagem do tempo. O filme deve evitar uma representação apressada ou meramente expositiva da cultura local, privilegiando uma construção estética que permita ao espectador perceber a profundidade das tradições mantidas por essas comunidades.

Por meio deste documentário, almeja-se educar, desmistificar e, sobretudo, inspirar uma maior valorização das práticas locais e da identidade cultural amazônica. A obra também pretende contribuir para o reconhecimento da gastronomia como patrimônio vivo, promover o turismo sustentável, fortalecer o respeito às comunidades tradicionais e ampliar a admiração pelos modos de vida que resistem às transformações econômicas, ambientais e sociais do presente.

“Bodó com Farinha - Sabores e Saberes” pretende, assim, ser uma ponte cultural entre o público e a complexidade da Amazônia. Uma obra que conecta alimentação, memória, território, biodiversidade e pertencimento, afirmando a resiliência de uma das regiões mais ricas do mundo em cultura, natureza e saberes ancestrais.



CANVA STORIES



CANVA STORIES

14

CANVIFILM F400

CANVA STORIES



STORIES 400

CANVA STORIES

14

CANVIFILM F400

CANVA STORIES

CANVA STORIES

14



CANVA STORIES 400



ELEMENTOS PRÉ ROTEIRO

PREMISSA

Nas proximidades de Manaus, às margens dos rios que moldam a vida de Irاندوبا, o documentário “Bodó com Farinha - Sabores e Saberes” investiga a relação íntima entre as comunidades ribeirinhas amazônicas e o bodó, peixe que ultrapassa sua função alimentar para se tornar símbolo de permanência, memória e resistência cultural.

Capaz de sobreviver a condições ambientais adversas, especialmente em períodos de seca severa e escassez de outros peixes, o bodó emerge como metáfora da própria tenacidade dos ribeirinhos: povos das águas que, entre mudanças climáticas, transformações econômicas e pressões da modernidade, preservam modos de vida, saberes culinários, práticas de pesca, vínculos familiares e formas coletivas de pertencimento.

A narrativa será conduzida pelo olhar da gastronomia, revelando como o preparo, o consumo e a circulação do bodó expressam uma herança cultural que atravessa gerações. Ainda que o peixe tenha perdido parte de sua centralidade econômica no cotidiano contemporâneo, permanece vivo no imaginário, na mesa, nas memórias e nas práticas comunitárias de Irاندوبا.

Assim, o filme propõe uma homenagem aos ribeirinhos amazônicos, reconhecendo no bodó não apenas um alimento regional, mas um elo entre passado e presente, natureza e cultura, tradição e reinvenção. Em um território marcado por biodiversidade, ancestralidade e transformações constantes, “Bodó com Farinha - Sabores e Saberes” revela como a comida pode narrar a história de um povo e afirmar sua resistência diante do tempo.

LOGLINE

Em Irاندوبا, as comunidades ribeirinhas revelam como o bodó, um peixe associado à sobrevivência em tempos de escassez, tornou-se um verdadeiro símbolo de memória, resistência e identidade cultural amazônica.

TAGLINE

O documentário “Bodó com Farinha - Sabores e Saberes” investiga a relação entre as comunidades ribeirinhas de Irاندوبا e o bodó, peixe amazônico que, para além de sua função alimentar, torna-se símbolo de memória, resistência e pertencimento cultural, revelando pela gastronomia a força dos saberes tradicionais e a permanência dos modos de vida amazônicos.

ELEMENTOS PRÉ ROTEIRO

SINOPSE

Nas margens de Irاندوبا, entre o Rio Negro, o Solimões, feiras, cozinhas familiares, barcos e comunidades que vivem sob o compasso das águas, “Bodó com Farinha - Sabores e Saberes” constrói um retrato sensível da relação entre alimentação, território e memória na Amazônia.

A partir do bodó – peixe de aparência rústica, corpo resistente e forte presença no imaginário local – o documentário acompanha personagens que preservam práticas de pesca, preparo, circulação e celebração desse alimento. Cozinheiras, pescadores, comerciantes, famílias ribeirinhas, especialistas e guardiões da tradição revelam como um peixe muitas vezes subestimado permanece ligado à história afetiva, econômica e cultural de Irاندوبا.

A obra se constrói a partir de uma linguagem híbrida, que atravessa o registro documental direto e alcança uma dimensão visual contemplativa e imersiva, respeitando o tempo próprio de cada camada narrativa. A câmera, em certos momentos, permanece fixa, frontal e estável, como instrumento de escuta, preservando a densidade dos depoimentos e a força da memória oral. Em outros, abandona a rigidez do registro e passa a percorrer o espaço com maior liberdade sensorial, acompanhando corpos, barcos, feiras, cozinhas, águas e gestos cotidianos. Entre câmera fixa, câmera na mão, deslocamentos, imagens de apoio e observação dos detalhes, o filme encontra uma forma visual capaz de articular informação, presença e atmosfera, revelando a relação profunda entre corpo, território, alimento, paisagem e cultura ribeirinha.

Mais do que investigar um ingrediente regional, o filme observa os gestos que sustentam uma cultura: a rede sendo preparada, o barco que chega, o peixe que passa da feira à cozinha, o fogo que transforma, a receita que sobrevive na lembrança e o festival que reúne a comunidade em torno de um patrimônio compartilhado. Nesse percurso, o bodó deixa de ser apenas alimento e se torna vestígio vivo de pertencimento, trabalho, adaptação e continuidade.

Com essa transição de linguagem, “Bodó com Farinha - Sabores e Saberes” assume sua própria trajetória de construção documental: parte do depoimento informativo, necessário à preservação da memória oral, e avança para uma experiência cinematográfica mais sensível, capaz de traduzir a presença das águas, a textura dos alimentos, o ritmo da pesca, o silêncio das margens e a permanência dos saberes ribeirinhos.

A obra homenageia os ribeirinhos amazônicos, reconhecendo neles a força de povos que aprenderam a conviver com a escassez, com as mudanças climáticas e com as transformações sociais sem romper seus vínculos com a natureza e com os conhecimentos herdados.

“Bodó com Farinha - Sabores e Saberes” é, assim, um documentário sobre comida, mas também sobre permanência; sobre um peixe, mas sobretudo sobre um povo que transforma sobrevivência em cultura, memória em sabor e tradição em resistência.

ELEMENTOS PRÉ ROTEIRO

ARGUMENTO

Nas proximidades de Manaus, em Irاندوبا, onde os rios moldam a paisagem, o tempo, o trabalho e a memória, “Bodó com Farinha - Sabores e Saberes” acompanha a presença simbólica do bodó na vida ribeirinha amazônica. O peixe, de aparência rústica e resistência singular, torna-se ponto de partida para uma travessia sensorial pela alimentação, pela pesca, pelas cozinhas, pelas feiras, pelas casas e pelas histórias de quem construiu sua existência em diálogo permanente com as águas.

A narrativa não se organiza a partir de blocos temáticos rígidos, mas por aproximações visuais, afetivas e sensoriais. O filme transita entre depoimentos, paisagens, gestos cotidianos, preparos culinários, deslocamentos de barcos, silêncios, texturas, sons do ambiente e imagens que revelam a essência daquilo que se pretende homenagear: a vida ribeirinha no Amazonas e a resistência de indivíduos que se moldam à própria geografia, aos ciclos da natureza e às variações de um território em constante transformação.

O bodó surge como personagem simbólico. Mais do que um peixe associado à subsistência e à economia local, ele carrega marcas de adaptação, permanência e pertencimento. Sua presença atravessa a memória familiar, o trabalho dos pescadores, o saber das cozinheiras, o comércio popular, o festival gastronômico e as formas de reinvenção culinária que mantêm viva sua importância mesmo quando sua centralidade econômica já não é a mesma de outros tempos.

O filme observa esse universo sem reduzir a comida a uma função biológica. A alimentação é tratada como linguagem cultural: aquilo que se pesca, se limpa, se tempera, se cozinha, se reparte e se celebra também narra a história de um povo. Cada prato, cada técnica, cada utensílio, cada rede e cada gesto de preparo revelam vínculos entre corpo, território, memória e transmissão de saberes.

A câmera acompanha essa construção com uma linguagem híbrida. Em alguns momentos, permanece fixa, frontal e estável, permitindo que a palavra dos personagens assuma centralidade e que a memória oral encontre espaço de escuta. Em outros, desloca-se pelo ambiente, aproxima-se das mãos, dos barcos, do peixe, do fogo, da água, das feiras e das cozinhas, criando uma experiência mais imersiva. A fala explica; o silêncio aprofunda.

Essa alternância entre registro direto e observação sensorial permite que o documentário não apenas informe, mas faça sentir. O espectador é convidado a perceber a vida ribeirinha pelas pequenas ações: o movimento da rede, a chegada do peixe, a preparação da farinha, o calor da panela, a textura do bodó, a voz de quem lembra, o olhar de quem trabalha, a espera de quem conhece o ritmo do rio.

Ao longo da narrativa, o bodó revela diferentes dimensões de Irاندوبا. Nas casas, aparece como memória de família e alimento de afeto. Na pesca, surge como trabalho e saber prático. Nas feiras e nos barcos, torna-se circulação, negociação e sustento. Nos restaurantes e lanchonetes, ganha novas formas de consumo. No Festival Bodó com Farinha, transforma-se em celebração pública, pertencimento comunitário e afirmação cultural.

A obra também aproxima tradição e transformação. O bodó, antes mais presente no cotidiano alimentar de muitas famílias, passa a ocupar hoje um lugar mais simbólico, afetivo e cultural. Essa mudança não diminui sua importância; ao contrário, reforça sua potência como elemento de memória. O peixe permanece como vestígio vivo de uma relação entre povo, água e alimento, revelando que certas tradições resistem não apenas pela frequência com que são praticadas, mas pelo significado que continuam carregando.

A dimensão histórica e etnográfica atravessa o filme de forma sensível, sem interromper sua cadência contemplativa. A presença dos povos originários, a formação de Iranduba, as transformações sociais da região, a relação entre rio e sobrevivência, a transmissão oral dos saberes e a permanência da cultura alimentar aparecem como camadas que se revelam gradualmente, por meio das falas, das imagens e da convivência com os personagens.

A proposta estética busca valorizar a dignidade do simples. O filme não procura espetacularizar a Amazônia, mas observar sua força nos detalhes: na casa de madeira, na canoa, no peixe sobre a mesa, na fumaça do preparo, na voz pausada do pescador, na memória de quem aprendeu a cozinhar com os mais velhos, na alegria coletiva do festival e na permanência de uma cultura que se afirma pela prática cotidiana.

“Bodó com Farinha - Sabores e Saberes” é, portanto, uma homenagem aos ribeirinhos amazônicos. Ao acompanhar a trajetória simbólica do bodó, o documentário revela uma forma de vida marcada pela adaptação, pela oralidade, pelo trabalho, pela resistência e pela intimidade com a natureza. Não se trata apenas de contar a história de um peixe, mas de compreender como um alimento pode guardar a memória de um território e expressar a força de um povo.

Ao final, a obra afirma que a cultura ribeirinha se manifesta menos em discursos grandiosos do que em gestos persistentes. A resistência está na rede lançada, no peixe preparado, na receita repetida, no saber transmitido, no corpo que aprende o ritmo do rio e na comunidade que transforma alimento em identidade. O bodó, em sua aparente modéstia, torna-se espelho de uma Amazônia viva, sensível e profundamente humana

ELEMENTOS PRÉ ROTEIRO

UNIVERSO

O universo de “Bodó com Farinha - Sabores e Saberes” é construído a partir de um território em trânsito: entre o rio e a cidade, entre a casa e a feira, entre a pesca e a cozinha, entre a memória familiar e a celebração pública. Iranduba não surge apenas como localização geográfica, mas como espaço vivo de passagem, permanência e adaptação, onde os rios organizam deslocamentos, ofícios, afetos, modos de alimentação e formas de pertencimento. Nesse ambiente, o bodó funciona como eixo de aproximação entre personagens diversos, permitindo que o filme revele, por meio deles, a força silenciosa da vida ribeirinha amazônica.

Os personagens não são apresentados como figuras isoladas, mas como portadores de uma memória coletiva que se manifesta em gestos, falas, técnicas e modos de ocupar o território. Os pescadores representam a experiência direta com as águas: conhecem o tempo do rio, o comportamento do peixe, a preparação das redes, a espera, o risco e a delicadeza de um saber aprendido pela prática. As famílias ribeirinhas ampliam essa dimensão ao revelar o cotidiano doméstico, a convivência com a paisagem, a organização da vida em torno do alimento e a permanência de hábitos transmitidos entre gerações.

As cozinheiras e guardiãs da culinária dão ao filme uma camada afetiva e sensorial. São elas que transformam o bodó em prato, lembrança, técnica e herança. Em suas mãos, a comida deixa de ser apenas preparo e passa a ser forma de narração: a limpeza do peixe, o fogo, o tempero, o moqueado, o piracuí, a caldeirada e os demais modos de aproveitamento revelam uma sabedoria que não está escrita em manuais, mas preservada no corpo, na repetição e na oralidade.

O filme também acompanha personagens ligados à circulação e à reinvenção do bodó, como comerciantes, feirantes, trabalhadores de portos, restaurantes, lanchonetes e figuras associadas à cadeia produtiva do peixe. Esses personagens permitem observar o deslocamento do bodó entre o ambiente ribeirinho e o espaço urbano, mostrando como um alimento tradicional pode atravessar mercados populares, cozinhas comerciais e novas leituras gastronômicas sem perder sua vinculação simbólica com o território.

As presenças do biólogo e do nutricionista acrescentam uma camada explicativa à obra, sem deslocar sua natureza sensível. Suas falas ajudam a compreender aspectos do peixe, de seu habitat, de sua resistência e de seu valor alimentar, funcionando como pontos de apoio para que o espectador perceba o bodó também como organismo, recurso nutricional e elemento do ecossistema amazônico. Essas intervenções dialogam com a proposta de animação e com a necessidade de traduzir informações técnicas de maneira acessível, integrada à experiência visual do filme.

O Festival Bodó com Farinha surge como espaço de convergência desse universo. Ali, os personagens individuais se somam a uma coletividade: famílias, moradores, cozinheiras, artistas, visitantes, comerciantes e organizadores se encontram em torno de um alimento que ultrapassa sua função culinária e se transforma em celebração comunitária. O festival materializa a passagem do bodó da intimidade doméstica para o espaço público, reafirmando sua importância como símbolo de memória, identidade e pertencimento.

Assim, o universo do filme é composto por pessoas que vivem, trabalham, cozinham, narram, celebram e resistem a partir de sua relação com as águas. Cada personagem revela uma dimensão desse mundo: o pescador traduz o rio; a cozinheira traduz a memória; o comerciante traduz a circulação; o especialista traduz o conhecimento técnico; o festival traduz a comunidade; e o bodó, atravessando todos esses espaços, traduz a permanência simbólica de uma cultura que se reinventa sem romper com suas raízes.



ESTRUTURA DE ROTEIRO

ARCO NARRATIVO

Síntese do arco:

O filme parte da paisagem e da homenagem aos ribeirinhos, apresenta o bodó como símbolo, mergulha nas histórias de pesca e nas oralidades familiares, atravessa a cozinha e os modos de fazer, acompanha a circulação do peixe nas feiras e chega ao festival como celebração coletiva. A mensagem final reafirma a preservação da natureza, da cultura e das tradições amazônicas.

Ambientação simbólica e homenagem: Abertura contemplativa do filme, com imagens de natureza, floresta, rios e território amazônico. A voz off introduz a homenagem aos ribeirinhos, situando o espectador no universo sensorial da obra. **tempo sugerido: 2'50"**

Apresentação do bodó: O peixe é apresentado como elemento central da narrativa, não apenas como alimento, mas como símbolo cultural, afetivo e territorial de Irاندوبا. **tempo sugerido: 3'**

Origem e história do bodó: Introdução à provável origem do bodó e à sua permanência no bioma amazônico, com apoio de elementos explicativos, visuais ou narrativos que situam o peixe em sua dimensão histórica. **tempo sugerido: 1'50"**

Pesca como herança familiar: A narrativa se aproxima dos pescadores e de suas histórias, destacando a pesca do bodó como prática transmitida entre gerações e vinculada à memória familiar. **tempo sugerido: tempo sugerido: 4'**

Técnicas de pesca e oralidade: Os pescadores relatam formas de captura, modos de reconhecer o ambiente e saberes práticos aprendidos oralmente entre gerações, conduzindo a compreensão da pesca como conhecimento vivo. **tempo sugerido: 6'**

Tradição familiar e modos de fazer: O filme transita para as lembranças, práticas domésticas e técnicas tradicionais, incluindo o moqueado e outros modos de preparo ou conservação. A memória familiar passa a conduzir a narrativa. **tempo sugerido: 9'**

Cozinheiras ribeirinhas: As cozinheiras ganham centralidade como guardiãs dos saberes culinários. O preparo do bodó revela afeto, técnica, transmissão oral e pertencimento cultural. **tempo sugerido: 4'30"**

Características do bodó e ambiente natural: O filme aprofunda a relação entre o peixe e os ambientes amazônicos, como igapós, igarapés e várzeas, integrando informação sobre o bodó à experiência visual do território. **tempo sugerido: 9"**

Feira, comercialização e cadeia produtiva: O bodó passa a circular entre barcos, feiras, entrega, venda e comércio. Entram figuras como o Rei do Bodó, o pescador-entregador e a Feira do Mutirão, revelando o elo entre rio, trabalho e cidade. **tempo sugerido: 9"**

Festival Gastronômico Bodó com Farinha: O festival surge como ponto de convergência coletiva da narrativa. As histórias individuais se transformam em celebração pública, reunindo memória familiar, comida, comunidade, identidade e pertencimento. **tempo sugerido: 15'**

Mensagem final: Encerramento reflexivo sobre preservação ambiental, valorização da cultura ribeirinha, continuidade dos saberes e permanência das tradições. A fala conduz, mas o silêncio e as imagens aprofundam a mensagem final. (a definir na finalização do filme) **tempo sugerido: 1'30"**

ESTRUTURA DE ROTEIRO

STORYTELLING

A estrutura narrativa reorientada de “Bodó com Farinha - Sabores e Saberes” passa a se organizar por uma progressão sensorial, humana e simbólica. O filme conduz o espectador por camadas sucessivas de percepção: primeiro o território; depois o peixe; em seguida os pescadores; depois os modos de fazer, a cozinha, a circulação do bodó e, por fim, o festival como celebração coletiva da identidade ribeirinha. Essa reestruturação está alinhada ao arco descrito no material consolidado de narrativa, que define a obra como uma travessia pela simbologia do bodó e pela vida ribeirinha.

A narrativa reestruturada de “Bodó com Farinha - Sabores e Saberes” se desenvolve por camadas de imersão: inicia-se na paisagem, encontra o bodó, aproxima-se dos pescadores, atravessa as técnicas de pesca e os modos de fazer, alcança a cozinha como espaço de memória, expande-se para a feira e a circulação econômica e culmina no Festival Bodó com Farinha como celebração coletiva da cultura ribeirinha. A ambientação inicial é geográfica e simbólica; a entrada dos pescadores constitui a ambientação humana e etnográfica. Dessa forma, o filme conduz o espectador da natureza ao gesto, do gesto à memória, da memória à comunidade e da comunidade à preservação de uma forma de vida amazônica.

- Prólogo sensorial|Ambientação geográfica e simbólica - Apresentação do universo/Abertura estética e emocional
- Apresentação do personagem-símbolo: o bodó - Apresentação do eixo narrativo/Introdução do objeto simbólico
- Contextualização histórica e ancestral - Expansão inicial da narrativa/Fundamento simbólico e informativo/Ambientação humana / Entrada dos pescadores/Primeira escala humana/Passagem da paisagem para o sujeito
- Escala etnográfica|Técnicas de pesca e oralidade - Desenvolvimento documental/Aprofundamento dos saberes práticos
- Virada para a intimidade familiar|Modos de fazer - Transição afetiva/Da captura ao preparo
- Clímax íntimo|Cozinheiras guardiãs da memória - Primeiro ponto alto emocional/Centralidade afetiva da culinária|Escala ecológica|O bodó e seu ambiente - Respiração informativa e sensorial/Ampliação da compreensão do peixe
- Escala social e econômica|Circulação do bodó - Expansão urbana da narrativa/Do rio ao comércio
- Clímax coletivo|Festival Bodó com Farinha - Culminância narrativa/Transformação da memória em celebração pública
- Epílogo reflexivo|Mensagem de preservação - Desfecho contemplativo/Síntese ética e cultural

VISÃO DA DIREÇÃO

por Cris Dorneles e Juvenal Praia

A direção de “Bodó com Farinha - Sabores e Saberes” parte de uma escolha estética essencial: filmar a Amazônia ribeirinha sem exotização, sem adornos artificiais e sem transformar seus personagens em figuras folclorizadas. A proposta visual e narrativa do documentário nasce da valorização do simples, do natural e do humano, buscando revelar a força poética que já existe nos modos de vida, nos gestos cotidianos, nos olhares, nas pausas, nas casas, nos rios, nas cozinhas e nas formas de trabalho das pessoas filmadas.

O filme não pretende construir uma Amazônia idealizada ou decorativa. Ao contrário, a intenção dos diretores é aproximar o espectador de uma experiência sensorial honesta, em que a beleza surge da própria realidade: da luz que atravessa a água, da sombra projetada no entardecer, da fumaça do preparo do alimento, da textura do peixe, da madeira das casas, do movimento dos barcos, do silêncio das margens e da presença dos personagens em seus próprios territórios.

As referências iniciais – como documentários de forte dimensão contemplativa, humana e sensorial – dialogaram com o processo de montagem não como modelos a serem reproduzidos, mas como impulsos para encontrar a linguagem própria do filme. A partir do material captado, a montagem conduziu a obra para uma forma mais orgânica, em que a narrativa não se apoia apenas na informação verbal, mas também na permanência das imagens, na escuta dos silêncios e na força dos gestos simples. A fala explica; o silêncio aprofunda.

A câmera assumiu duas linguagens complementares. Em determinados momentos, preservou o registro documental direto, com câmera fixa, tripé e enquadramentos mais estáveis, respeitando a importância da palavra, da memória oral e dos depoimentos. Em outros, passou a caminhar com os personagens e pelos espaços, buscando tons, texturas, movimentos, proximidades e detalhes capazes de ampliar a percepção do espectador. Essa alternância permite que o filme transite entre testemunho e atmosfera, entre informação e imersão, entre escuta e presença.

A direção optou por não manipular artificialmente os corpos e os ambientes. Não houve construção de figurinos, maquiagem ou ensaios prévios destinados a alterar a aparência ou a expressão dos personagens. As pessoas aparecem como são, em seus próprios contextos, com suas roupas, seus modos de falar, seus ritmos, suas pausas e suas formas naturais de ocupar o espaço. Essa decisão reforça o compromisso ético do filme com a dignidade dos personagens e com a verdade sensível de seus modos de vida.

A direção de arte foi pensada a partir dos próprios elementos encontrados nos cenários. Casas, utensílios, redes, barcos, fogões, painéis, peixes, feiras, barracas, mesas, águas e paisagens não funcionam apenas como composição visual, mas como matéria real da narrativa. A arte do filme nasce do território e dos objetos que pertencem à vida cotidiana dos personagens, evitando intervenções externas que pudessem descaracterizar a autenticidade do universo filmado.

A fotografia valoriza a iluminação natural, inclusive nos momentos de entardecer e anoitecer, quando as sombras, os reflexos e as alterações de cor do céu e dos rios oferecem uma atmosfera própria. A luz não é tratada apenas como recurso técnico, mas como elemento narrativo. Ela revela a passagem do tempo, a temperatura dos ambientes, a textura dos alimentos e a relação entre corpos, água e paisagem. O brilho dos rios, os contrastes naturais, as penumbras e os reflexos compõem a percepção sensorial do filme.

por Cris Dorneles e Juvenal Praia

A trilha sonora também nasce dessa relação com o território. Parte dela foi composta pelo próprio diretor, em parceria com artistas de Irاندوبا, reforçando o vínculo afetivo da obra com seu lugar de origem. Outra parte é construída com contribuições de artistas de Manaus, como Nicolas Junior, Ludi Sousa e Márcia Novo, cujas presenças musicais ampliam a dimensão emocional, cultural e amazônica do documentário. A música não entra como ornamento, mas como extensão da paisagem, da memória e da experiência humana retratada.

A intenção dos diretores é que som, cor, textura e ritmo funcionem de maneira integrada. O espectador deve sentir o ambiente antes mesmo de compreendê-lo plenamente pela fala. O ruído da água, o som da feira, o manuseio do peixe, o fogo, a panela, as vozes, os barcos e a música compõem uma escuta sensível da vida ribeirinha. A experiência sonora, assim como a visual, busca aproximar o público de uma Amazônia vivida por dentro, e não observada à distância.

Dessa forma, “Bodó com Farinha - Sabores e Saberes” assume uma visão de direção pautada pela contenção, pela escuta e pelo respeito. A câmera não invade: acompanha. A arte não enfeita: revela. A luz não dramatiza artificialmente: valoriza o que já existe. A trilha não sobrepõe emoção: conduz a memória. O filme procura construir uma homenagem aos ribeirinhos amazônicos a partir daquilo que há de mais essencial em suas vidas: seus gestos, seus saberes, seus alimentos, seus vínculos com a água e sua capacidade de permanecer, adaptar-se e resistir.



ANIMAÇÃO

PROPOSTA DE ANIMAÇÃO

por Zetty Torres, Ronald Oliveira e Cris Dorneles

A proposta de animação de “Bodó com Farinha - Sabores e Saberes” foi concebida como um recurso de ampliação da compreensão narrativa, destinado a ilustrar aspectos que a câmera documental não poderia registrar diretamente. Sua função não é substituir o material filmado, nem criar uma camada fantasiosa sobre a realidade ribeirinha, mas abrir pequenas janelas visuais para tornar sensíveis informações históricas, biológicas, geográficas e ambientais presentes nas falas do biólogo e na estrutura narrativa do filme.

Inicialmente, a concepção visual previa o uso de traços palitos, com personagens e situações desenhados de maneira extremamente simples, próximos à ideia de pinturas rupestres. A intenção era construir uma linguagem primitiva, quase ancestral, capaz de dialogar com a origem remota do bodó e com a permanência dos saberes transmitidos pela oralidade. Contudo, ao longo do processo de amadurecimento da obra, essa proposta foi revista. A animação passou a adotar uma linguagem em desenho 2D colorido, com traços manuais, contornos orgânicos, composição simples e paleta suave, preservando a ideia de esboço artesanal, mas ampliando sua clareza visual e sua capacidade comunicativa.

O estilo visual revisado combina didatismo, poesia e simplicidade gráfica. As imagens não buscam realismo científico rígido, nem sofisticação excessivamente digital. Ao contrário, assumem uma aparência artesanal, com linhas aparentes, formas simplificadas, cores terrosas, águas em tons claros, mapas, setas, camadas de solo, rios, peixes e elementos naturais tratados de forma acessível. A estética deve parecer desenhada à mão, como se o filme abrisse um caderno ilustrado dentro da narrativa documental.

A animação passa a operar em duas grandes escalas. A primeira é a escala ancestral e evolutiva, voltada à explicação da origem do bodó, sua antiguidade, sua resistência e sua adaptação ao ambiente amazônico. Nesse eixo, mapas, paisagens primitivas, formas aquáticas, deslocamentos geográficos e imagens simbólicas ajudam o espectador a compreender o peixe como presença antiga, moldada pelo tempo, pela água e pelas transformações do território.

A segunda é a escala ecológica e territorial, dedicada a explicar diferenças entre várzea, terra firme, igapó e igarapé, relacionando o bodó aos ambientes em que vive ou circula. Nesse momento, a animação atua como recurso pedagógico e sensorial: apresenta camadas do território amazônico, variações das águas, formações de margem, áreas alagáveis e relações entre peixe, rio, floresta e solo. A proposta é tornar visível aquilo que, muitas vezes, está implícito na fala dos personagens e na experiência ribeirinha.

As animações devem ser inseridas de forma orgânica, sobrepostas ou intercaladas às entrevistas, especialmente às falas do biólogo, como uma janela ilustrada de compreensão. Elas não interrompem a narrativa; acompanham a explicação. Funcionam como um respiro visual entre o depoimento e a paisagem, permitindo que o espectador assimile conceitos sem que o filme perca sua atmosfera contemplativa.

A imagem de referência aponta para essa direção: mapas simplificados, fundo em textura de papel, linhas de contorno aparentes, cores suaves e uma composição visual que remete a material didático artesanal, sem abandonar a dimensão poética. Essa escolha se harmoniza com a proposta geral da direção, que valoriza o simples, o natural e o humano, evitando excessos gráficos, efeitos digitais ostensivos ou estilizações que desviem o foco da cultura ribeirinha.



FOTOGRAFIA E ARTE



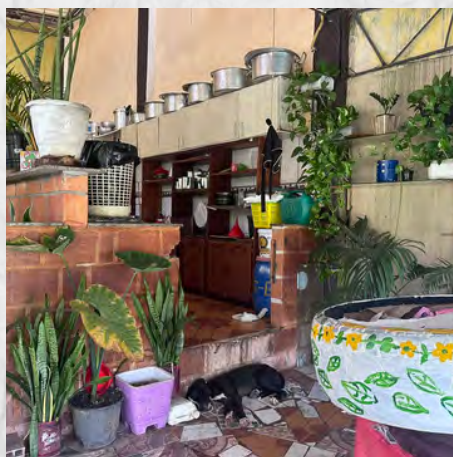
ARTE

por Francisco Ricardo

A direção de arte foi concebida a partir dos próprios elementos dos cenários. O filme não depende de cenografia construída, figurinos elaborados ou composição artificial dos espaços. A arte está nos objetos reais: redes, barcos, mesas, panelas, fogões, utensílios, peixes, farinha, madeira, tecidos, casas, bancas, ferramentas e elementos cotidianos que fazem parte da vida dos personagens.

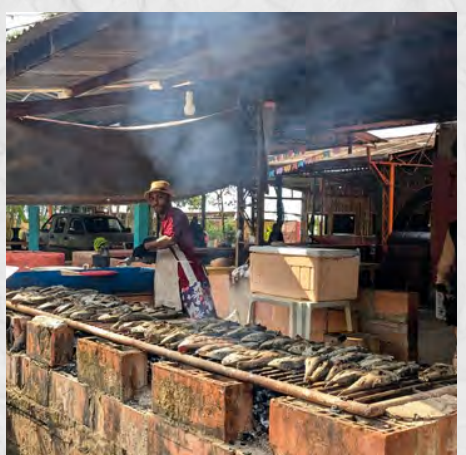
Essa escolha reforça a ética visual do documentário. Os ambientes não são decorados para parecer ribeirinhos; eles são ribeirinhos. As pessoas não são vestidas para representar uma cultura; elas aparecem em sua própria forma de estar no mundo.

Não houve manipulação de maquiagem, figurino ou ensaios prévios destinados a modificar a aparência dos personagens. A câmera respeita os corpos, as roupas, os gestos e os modos naturais de presença de cada pessoa filmada.



AGOSTO, 2025

Irاندوبا/AM



ANIMAÇÕES INTEGRADAS

As animações foram pensadas como extensão explicativa e sensorial da narrativa. Elas aparecem em momentos nos quais o filme precisa ilustrar informações que não poderiam ser captadas diretamente pela câmera, como a origem do bodó e a compreensão de ambientes amazônicos como várzea, terra firme, igapó e igarapé.

A proposta inicial de traços simples foi revista para uma linguagem em desenho 2D colorido, com traço manual, paleta suave e aparência artesanal. A animação não busca romper com o estilo do filme, mas dialogar com ele, funcionando como uma janela ilustrada dentro das falas explicativas, especialmente nas intervenções do biólogo.

Visualmente, as animações devem manter simplicidade, clareza e delicadeza, evitando excesso gráfico, cores artificiais ou estética infantilizada. Sua função é tornar visível o que é conceitual, sem quebrar a atmosfera contemplativa e humana do documentário.

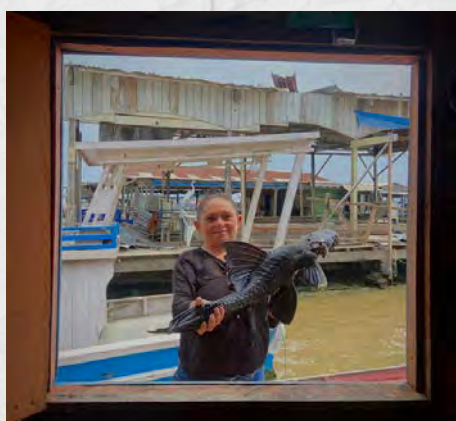
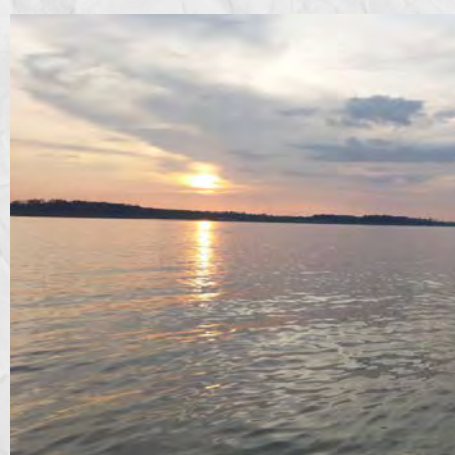
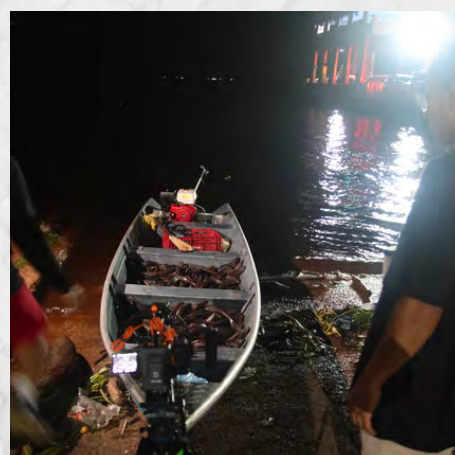
FOTOGRAFIA

por Aline Fidelix, Magnum Mesquita, Erikson Fernandes

A fotografia de “Bodó com Farinha - Sabores e Saberes” foi conduzida a partir de uma proposta estética simples, natural e humana, voltada a capturar a essência da vida ribeirinha e a riqueza cultural de Irاندوبا sem exotização, sem adornos artificiais e sem interferências que descaracterizassem os personagens ou os ambientes filmados.

A opção visual do filme parte da observação dos espaços reais: rios, casas, feiras, cozinhas, barcos, utensílios, redes, alimentos, rostos e gestos cotidianos. A direção de arte não buscou construir artificialmente os cenários, mas reconhecer, dentro dos próprios ambientes, os elementos visuais capazes de revelar pertencimento, memória e modo de vida.

As referências iniciais, como “Jiro Dreams of Sushi”, “O Sal da Terra” e “Baraka”, dialogaram com o processo de montagem e com a busca por uma linguagem contemplativa, sensorial e respeitosa. Entretanto, o filme não pretende reproduzir essas obras como modelo formal, mas absorver delas a atenção ao detalhe, à presença humana, ao tempo da imagem e à força expressiva dos gestos simples.



ESTILO VISUAL E ESTÉTICA

A cinematografia do documentário se apoia em uma estética contemplativa, detalhista e sensorial. A câmera observa os personagens, os alimentos e os espaços com atenção ao tempo interno das ações: o peixe sendo preparado, a rede sendo manuseada, o barco chegando, a panela no fogo, o rosto em pausa, o olhar que recorda e o silêncio que acompanha a fala.

A proposta visual valoriza a simplicidade da vida cotidiana. Não houve intenção de embelezar artificialmente a realidade filmada, mas de permitir que a beleza surgisse da própria relação entre as pessoas, os objetos, a água, a luz e o território.

O filme trabalha com uma imagem de proximidade. Planos de mãos, texturas, rostos, alimentos, superfícies, reflexos e movimentos discretos ajudam a construir uma percepção íntima do universo ribeirinho. A fotografia busca criar uma relação de presença, como se o espectador estivesse dentro da casa, da feira, do barco ou da cozinha, acompanhando os acontecimentos sem imposição externa.

PALETA DE CORES

A paleta de cores do filme não utiliza cores saturadas como princípio estético. Ao contrário, a escolha visual privilegia tons naturais, terrosos, aquosos e orgânicos, extraídos dos próprios cenários e da luz real dos ambientes.

Predominam cores associadas à paisagem amazônica e à vida cotidiana: marrons da madeira, ocre da terra, verdes da vegetação, azuis e cinzas das águas, tons quentes do fogo, nuances da farinha, do peixe, das panelas, das casas e dos objetos de uso comum.

As cores surgem de modo espontâneo, a partir da realidade filmada. A intenção não é criar impacto visual por saturação, mas revelar a textura sensível dos ambientes. O filme valoriza a aparência natural das coisas: a pele dos personagens, a madeira envelhecida, a água refletindo o céu, a fumaça do preparo, a luz do fim da tarde e os contrastes discretos entre sombra e claridade.

Nas feiras, no festival e nos espaços de circulação, a fotografia preserva a vibração real do ambiente, mas sem artificializar as cores. Vermelhos, amarelos, verdes ou outros tons eventualmente presentes aparecem como parte do mundo filmado, não como estratégia de intensificação cromática. O tratamento visual deve respeitar a naturalidade da cena, evitando exageros de contraste, brilho ou saturação.

O objetivo da paleta é construir uma imagem sensorial, honesta e orgânica, capaz de traduzir a relação entre território, alimento, memória e vida ribeirinha.

CONTRASTES ENTRE O RIBEIRINHO E O URBANO

O filme também trabalha o contraste entre os espaços ribeirinhos e os espaços urbanos de Irاندوبا e Manaus. Esse contraste, porém, não é apresentado como oposição rígida, mas como continuidade de uma mesma cadeia cultural.

O bodó transita entre o rio, a casa, a feira, o comércio, a lanchonete e o festival. A fotografia acompanha esse deslocamento respeitando as particularidades de cada ambiente: a intimidade das casas, a abertura dos rios, a movimentação das feiras, a funcionalidade dos espaços de venda e a dimensão coletiva do festival.

Nos ambientes ribeirinhos, a imagem privilegia o tempo da observação, a relação com a água, os gestos manuais e a presença dos personagens em seus espaços de vida. Nos ambientes urbanos, a câmera observa a circulação do peixe, o comércio, a transformação gastronômica e a permanência simbólica do bodó em novas formas de consumo.

LINGUAGEM DE CÂMERA

A câmera do documentário transita entre duas linguagens complementares.

A primeira é a linguagem do registro documental fixo, utilizada principalmente nas entrevistas e nos momentos em que a palavra dos personagens precisa ocupar o centro da cena. Nesses trechos, a câmera preserva estabilidade, escuta e frontalidade, permitindo que a memória oral se manifeste com clareza.

A segunda é uma linguagem mais observacional e sensorial, marcada por deslocamentos, câmera na mão, aproximações, imagens de apoio e atenção aos detalhes. Essa câmera caminha pelos espaços, acompanha gestos, observa texturas, aproxima-se dos alimentos, registra movimentos da água, dos barcos, das feiras e das cozinhas.

A alternância entre essas duas formas permite que o filme una informação e experiência. A entrevista organiza a compreensão; a imagem sensorial amplia a imersão. A fala explica; o silêncio aprofunda.

PLANOS, DETALHES E MOVIMENTO

Os planos do filme buscam valorizar a relação entre pessoas, objetos e território. Planos gerais situam o espectador nos rios, nas margens, nas feiras e nos espaços coletivos. Planos médios aproximam os personagens de seus ambientes. Planos próximos e detalhes revelam mãos, alimentos, redes, utensílios, panelas, expressões e movimentos discretos.

Os movimentos de câmera são utilizados com contenção. Não há busca por virtuosismo visual, mas por aproximação sensível. Quando a câmera se move, ela acompanha o ritmo dos personagens e dos ambientes: o caminhar, o remar, o preparar, o servir, o olhar e o esperar.

O uso de imagens aéreas e planos abertos aparece como recurso de contextualização do território, especialmente para revelar a dimensão dos rios, a relação entre cidade e natureza e a presença de Irاندوبا dentro da paisagem amazônica. Esses planos devem funcionar como respiração narrativa, sem afastar o filme de sua dimensão humana.

ILUMINAÇÃO

A iluminação do filme privilegia a luz natural sempre que possível. A fotografia busca preservar a atmosfera real dos ambientes, respeitando a luz disponível nas casas, cozinhas, feiras, margens, barcos e espaços abertos.

Os momentos de entardecer e anoitecer são valorizados pela riqueza de sombras, reflexos e transições de cor. A luz baixa, os brilhos sobre a água, a penumbra das casas, os reflexos dos rios e os contrastes naturais entre céu, água e vegetação compõem a identidade visual da obra.

A iluminação artificial, quando necessária, deve ser discreta e funcional, apenas para garantir legibilidade da imagem, sem eliminar a naturalidade da cena. O objetivo não é construir uma luz dramática artificial, mas preservar a sensação de presença no ambiente filmado.

SÍNTESE ESTÉTICA

A estética de “Bodó com Farinha - Sabores e Saberes” nasce do encontro entre simplicidade, observação e respeito. O filme valoriza a luz natural, os tons orgânicos, os gestos cotidianos, os objetos reais, as vozes dos personagens e a presença do território.

A **FOTOGRAFIA** e a **ARTE** não buscam ornamentar a Amazônia, mas revelar sua força discreta. A imagem não exotiza; aproxima. A câmera não invade; acompanha. A cor não satura; respira. A luz não dramatiza artificialmente; revela. O resultado pretendido é uma experiência visual e sonora capaz de fazer o espectador sentir a vida ribeirinha amazônica em sua dimensão mais humana, sensível e verdadeira.